

A meados de Setembro de 2009 pus-me a caminho do pequeno poiso de Verão de Thomas e de Marie, algures entre Höganäs e Mölle, onde Thomas me iria tirar fotografias para os meus romances seguintes. Aluguei um carro, um *Audi* preto, e, de manhã, segui pela auto-estrada de quatro faixas, com uma intensa sensação de felicidade no peito. O céu estava limpo e azul, e o sol queimava como se fosse Verão. À esquerda, em direcção ao horizonte, cintilava Öresund, à direita desdobravam-se os campos amarelos de restolho e os prados, separados por vedações e ribeiros, ao longo dos quais cresciam renques de árvores frondosas, repentinas orlas da floresta. Eu tinha a impressão de que, no fundo, era um dia que não deveria ter existido, assomando como uma espécie de oásis no meio da paisagem outonal, quase macilento, um dia que na realidade não deveria ser assim, como o Sol não deveria brilhar com tanta força, nem o céu mostrar-se tão saturado de luz, e isso despertava dentro de mim um sentimento inquieto que se mesclava com a sensação de felicidade que me enchia, e que, por isso mesmo, tentei varrer do meu espírito. Na esperança de me desembaraçar sem mais desse sentimento, decidi começar a cantar o refrão de “Cat People”, que entretanto ouvia na aparelhagem do carro, enquanto gozava a vista da cidade que, do lado esquerdo, me aparecera, com as suas gruas do porto, as chaminés das fábricas, os armazéns. Estava a passar pela periferia de Landskrona, como alguns minutos antes passara por Barsebäck, com a sua aterradora silhueta inconfundível e sempre idêntica de central nuclear perfilada na distância. Seguiu-se Helsingborg e, depois, cerca de vinte quilómetros mais até à casa de Verão de Thomas e de Marie.

Eu estava atrasado. Primeiro, tinha estado bastante tempo parado no parque de estacionamento, metido no carro espaçoso e ameno, sem

saber como ligar a ignição, sentindo-me incapaz de voltar ao balcão da empresa de aluguer de automóveis para perguntar como se ligava o motor, porque tinha medo de que, vendo-me tão ignorante, me tirassem o carro das mãos, e assim, para o evitar, pus-me a folhear o manual de instruções do *Audi*, mas sem nada encontrar acerca do modo de ligar a ignição. Examinei o *tablier*, depois a chave, que não era uma chave, mas um cartão de plástico preto. Abrira o carro premindo o cartão e perguntei-me se não teria de proceder a uma operação semelhante para ligar o motor. No diagrama do manual de instruções relativo ao volante, não descobri fosse o que fosse que me pudesse ajudar. Mas, ali, o que seria aquela ranhura? Era uma ranhura, não era?

Introduzi o cartão de plástico preto na ranhura, o motor começou a funcionar, e arranquei. Durante a meia hora seguinte, andei de um lado para o outro, no centro de Malmö, até dar com a saída da cidade que procurava. Quando, finalmente, consegui entrar na auto-estrada, estava já com perto de uma hora de atraso.

Depois de Landskrona ter desaparecido do outro lado da colina, tacitei à procura do telemóvel que pusera no outro banco da frente, encontrei-o e marquei o número de Geir A. Fora ele que um dia me apresentara Thomas, tinham-se conhecido os dois num clube de boxe, onde Thomas estava a trabalhar num livro de fotografias sobre esse desporto, enquanto Geir, por seu turno, escrevia uma tese sobre o mesmo tema. Formavam um par extravagante, falando em termos comedidos, mas tinham a máxima consideração um pelo outro.

— Olá, rapaz — disse-me Geir.

— Olá — disse eu. — Podes fazer-me um favor?

— Claro.

— Liga ao Thomas e diz-lhe que estou com uma hora de atraso.

— Vou já ligar. Voltaste à estrada?

— Voltei.

— Acho bem.

— É uma coisa fantástica, para variar. Mas agora vou ter de ultrapassar um camião.

— Sim?

— Não posso falar ao telefone ao mesmo tempo.

— Alguém devia dar-se um dia ao trabalho de investigar a tua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Mas está bem. Falamos noutra altura.

Desliguei, acelerei e ultrapassei aquele camião branco e comprido que avançava oscilando ao de leve no ar turbulento. Nos princípios do

Verão viajei de automóvel com toda a família até Koster e, pelo caminho, quase tivemos dois acidentes — um devido a um lençol de água, quando seguia a grande velocidade, e que podia ter acabado muito mal; outro não tão grave, mas também assustador, quando me preparava para mudar de faixa numa fila nas proximidades de Gotemburgo, não vi o carro que avançava por detrás e só pude evitar o choque porque o outro condutor travou precipitadamente. O buzão que ouvi a seguir atravessou-me até à alma. Após estes dois episódios perdi a sensação de bem-estar que experimentava habitualmente quando conduzia e comecei a sentir um certo medo, o que sem dúvida tinha alguma coisa de bom; mas agora, quando tinha de ultrapassar um camião, ficava com os nervos em franja e, por isso, no termo de alguma viagem que fizesse, sentia-me exausto durante uns dias, como se estivesse embriagado. Pouco importava à minha alma que eu tivesse uma carta de condução que me autorizava a conduzir, continuava a viver nesses tempos do meu passado em que um dos meus grandes e mais insistentes pesadelos era estar ao volante de um carro sem saber guiar. Morto de medo ao longo das sinuosas estradas norueguesas, sentindo pesar sobre mim a ameaça da polícia que poderia aparecer a qualquer momento, era assim que ficava deitado e a dormir algures numa cama, com a almofada e a parte de cima do *édredon* ensopada em suor.

Saí da auto-estrada e segui pela estrada nacional, muito mais estreita, que levava a Høganæs. O calor que fazia lá fora era visível no ar, e havia como que um véu que turvava a plenitude da luz e do céu, o suave brilho que o sol derramava sobre todas as coisas. Dir-se-ia que o mundo se abria de par em par e que tudo em redor tremulava.

Passados dez minutos, entrei no parque de estacionamento de um supermercado e apeei-me. Ah, respirei uma rajada de bem-estar na atmosfera. Esta parecia insuflada pelo azul do mar, mas não era o ar quente do Verão, e havia nela uma nota fresca e aprazível. Enquanto atravessava o asfalto na direcção do supermercado, cujas bandeiras pendiam indolentemente à entrada, a sensação que o ar me causava lembrava-me a que experimentara uma vez, ao passar a mão por uma superfície de mármore, num abrasador dia de Verão, numa cidade italiana — era a mesma frescura tão subtil como surpreendente.

Comprei uma caixa de framboesas para Thomas e Marie, um maço de cigarros e pastilhas elásticas para mim, poisei a caixa de framboesas no banco do pendura e preparei-me para percorrer o último troço do trajecto. A uma centena de metros do supermercado, a estrada descia na direcção do mar, uma estrada estreita e ladeada pelas sebes de casas de

Verão, todas elas pintadas de branco. Thomas e Marie viviam do lado direito, no fim da rua, com o mar a oeste da sua casa e um grande campo verde a leste.

Quando saí do carro e fechei a porta, Thomas veio ao meu encontro, andando descalço por cima da relva. Deu-me um abraço, era uma das poucas pessoas que podia fazê-lo sem me intimidar. Não sei porquê. Talvez pela muito simples razão de ser quinze anos mais velho do que eu e também pelo facto de, embora sem haver grande intimidade entre nós, ele se ter mostrado sempre extremamente amável comigo.

— Olá, Karl Ove — cumprimentou-me ele.

— Não nos víamos há muito tempo — disse eu. — Que dia esplêndido!

Atravessámos o chão relvado. O ar estava imóvel, as árvores imóveis, o Sol imóvel sobre o mar, lançando os seus ardentes raios de luz sobre a paisagem. E, contudo, persistia a mesma sensação de frescura que já antes me surpreendera. Havia muito tempo que não experimentava uma calma tão grande.

— Queres um café? — disse Thomas quando parámos nas traseiras da casa, onde ele construía, no Verão anterior, um terraço de madeira, que era como o convés de um navio, entre a parede da casa e a densa sebe completamente impenetrável e cuja sombra imóvel se estendia um bom par de metros na direcção da casa.

— Quero, sim, por favor — disse eu.

— Senta-te, eu vou fazê-lo.

Sentei-me, tornei a pôr os óculos de sol e deitei a cabeça para trás, a fim de apanhar a maior quantidade de sol possível, enquanto acendia um cigarro e Thomas enchia uma cafeteira de água, servindo-se da torneira da pequena cozinha.

Marie saiu de casa. Trazia os óculos subidos para a testa e semicerava os olhos virada para o Sol. Eu disse-lhe que precisamente essa manhã lera no *Dagens Nyheter* um artigo sobre uma controvérsia estética em que ela participara. Já não me lembrava exactamente, por mais voltas que desse à cabeça, do que dizia o artigo sobre a sua posição, mas felizmente ela não mo perguntou, tendo-se limitado a dizer que procuraria o jornal na biblioteca, para onde estava, de resto, de partida.

— O teu livro já saiu? — perguntou ela.

— Não, ainda não. Mas sai este sábado.

— Ah, que emocionante! — disse ela.

— Sim — respondi eu.

— Até logo — disse ela. — Almoças connosco?

— Com todo o gosto! — repliquei, sorrindo-lhe. — A propósito, trouxe o manuscrito da Linda. Dou-to depois.

Marie tivera um lugar de assessora na Escola de Escrita de Biskops Arnö e dispusera-se a ler o romance que Linda acabara de escrever.

— Ótimo — disse ela, e voltou a entrar em casa. Pouco depois, ouviu-se o motor de um carro na frente da casa. Thomas apareceu com duas chávenas de café e um tabuleiro com queques. Sentou-se, falámos um bocado, depois foi buscar a máquina e tirou algumas fotografias enquanto falávamos de outras coisas. Da última vez que eu estivera em sua casa, ele estava a ler Proust, e, segundo me disse, continuava a lê-lo. Imediatamente antes da minha chegada, estivera a ler a descrição da morte da avó. É uma das passagens mais belas, disse eu. Sim, disse ele, enquanto se levantava para me fotografar de um ângulo diferente. Aquela morte que viera como do nada. Há um momento em que ela toma uma carruagem que a levaria pelo Jardin du Luxembourg, e depois, no momento seguinte, tem um derrame cerebral que lhe provocará a morte passadas algumas horas. Ou alguns dias? A casa cheia de médicos, a preocupação absorvente que caracteriza a atmosfera da primeira fase da ansiedade, a apatia continuamente interrompida pela inquietação que acompanha a esperança. O súbito choque de tudo isso.

— Muito bem — disse Thomas. — E agora, importas-te de te mudar com a cadeira para junto da sebe?

Fiz o que ele me indicava. Thomas tornou a entrar em casa para estudar as fotografias à sombra. Eu fui à cozinha buscar mais café e, de passagem, dei uma vista de olhos às fotografias que ele estava a observar.

— Saíram bem — disse Thomas. — Quer dizer, se não te faz diferença ficar com o nariz um bocado para o comprido.

Sorri e voltei a sair. Thomas não queria fazer-me parecer bonito, nem captar esta ou aquela minha expressão especial, mas, pelo contrário, se bem entendi, restituir o ar que tenho quando estou completamente distraído e sem fazer qualquer esforço.

Saiu de casa sem a máquina e sentou-se ao sol.

— Já está? — perguntei eu.

— Sim — disse ele. — Ficaram boas. Talvez te tire também algumas de corpo inteiro.

— De acordo — disse eu.

Ouviam-se vozes falando baixo do outro lado da sebe. Cruzei a perna e relanceei o céu. Não havia uma nuvem.

— Antes de irmos para aqui, estive no hospital, para ir ver um grande amigo meu — disse Thomas. — Ele partiu o pescoço.

— Que coisa horrível.

— Horrível, sim. Deram com ele em Gullmarsplan. Ninguém sabe o que se passou. Encontraram-no caído, e foi só.

— E ele está consciente?

— Está. Consegue falar e parece completamente lúcido. Mas não se lembra de nada do que aconteceu. Não sabe sequer o que estava a fazer em Gullmarsplan.

— Tinha bebido?

— Nem uma gota. Não, é uma doença que ele tem. Já antes lhe tinha acontecido uma coisa do mesmo género. Uma vez, perdeu os sentidos em casa e, quando voltou a si, não sabia onde estava. Mas, agora, o caso foi mais sério. Talvez não se livre desta.

Não soube que mais dizer e limitei-me a fazer que sim com a cabeça. Ficámos um momento calados. Thomas olhou para mim.

— Vamos dar uma volta?

— Por mim, podemos ir.

Dois minutos depois, Thomas fechou a porta atrás de nós e começámos a andar pelos prados tratados, que desciam preguiçosamente até à praia de seixos e às ondas que rebentavam sobre ela. Do alto de uma pequena elevação do terreno, algumas vacas com os cornos compridos olhavam para nós. Embora cinquenta metros acima houvesse casas e se visse por detrás delas uma estrada movimentada, eu tinha a impressão de estarmos numa charneca erma. Talvez fosse devido ao mar e à pastagem que se estendia até à praia. Habitualmente, os terrenos com uma situação semelhante eram os mais procurados, e não costumavam destinar-se ao gado.

— Ali em cima, há *bunkers* do tempo da guerra — disse Thomas, apontando para umas construções de betão próximas do local onde estávamos. — Como sabes, estamos muito perto da Dinamarca.

— Também havia *bunkers* destes no lugar onde vivi em miúdo — disse eu. — Mas os de lá eram os dos alemães.

— Ah, sim? — disse Thomas, que levantou a máquina e me tirou uma foto de perfil com o mar ao fundo.

— Íamos para lá brincar em miúdos — disse eu. — Os nossos *bunkers* preferidos eram uns que havia na floresta. Era espantoso vê-los ali! Estávamos na segunda metade dos anos setenta. A guerra só tinha acabado havia coisa de trinta anos.

O vento soprava agora com mais força no campo aberto, mas as ondas que rebentavam na praia eram pequenas e mansas. As vacas tinham recomeçado a pastar. Havia bostas por todo o lado, ora frescas e moles, ora secas e duras.